

# A RELEVÂNCIA DO LÚDICO E DA ORALIDADE NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS

Joice Aparecida de Souza Pinto<sup>1</sup>

Lilian Fernandes Carneiro<sup>2</sup>

*“As almas dos velhos e das crianças brincam ao mesmo tempo. As crianças ainda sabem aquilo que os velhos esqueceram e têm de aprender de novo: que a vida é brinquedo que para nada serve, a não ser para a alegria. ”*

ALVES (2012, p. 43)

**Resumo:** Esta pesquisa investiga a possibilidade de utilizar a ludicidade na narração de histórias para o ensino-aprendizagem da Língua Inglesa para crianças de 6 a 9 anos. Neste estudo, optou-se por utilizar a abordagem comunicativa que pertence ao Método Construtivista, bem como justificativa teórica, a partir da leitura de bibliografia especializada. Deste estudo resulta a percepção de que a narração de histórias possibilita acesso a vocabulário de forma criativa, de maneira que incentiva a percepção da oralidade, mediante a compreensão de significado, por meio da contextualização, instigando o protagonismo lúdico; além disso, aos participantes é garantida interação social. Conclui-se que com este trabalho é possível a abertura de novos processos culturais, no que tange ao propósito de formar a criança como cidadão atuante no ambiente em que vive.

**Palavras Chave:** Narração de histórias. Oralidade. Lúdico. Aprendizagem. Interação Social.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Especialista em Língua pela IEL – UNICAMP e Literaturas pela UMEESP. Professora efetiva da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e do Ensino Superior, atuando nos cursos de Letras e Pedagogia. Coordenadora do Ensino Fundamental I e II (Anos Iniciais e Anos Finais) pela SEE-SP.

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências Humanas pela UNISA – Universidade Santo Amaro. Especialista em Língua e Literatura Inglesa e Norte Americana. Leciona Inglês e Espanhol em regime de aulas particulares. Professora Universitária dos cursos de Letras e Pedagogia. Contadora de histórias em Língua Inglesa, para o Ensino Fundamental.

**Abstract:** This research investigates the possibility of using ludicity in storytelling for English-language teaching and learning for children aged 6 to 9 years. In this study, we chose to use the communicative approach that belongs to the Constructivist Method, as well as theoretical justification, based on the reading of specialized bibliography. From this study results the perception that storytelling enables access to vocabulary in a creative way, in a way that encourages the perception of orality, through the understanding of meaning, by contextualization, instigating ludic protagonism; in addition, participants are guaranteed social interaction. This work concludes that it is possible to open new cultural processes, regarding the purpose of educating the child as a citizen acting in the environment in which he lives.

**Keywords:** Storytelling. Orality. Ludic. Learning. Social interaction.

## 1 Introdução

Pensando-se nas transformações sociais, educacionais e tecnológicas que se instauram na contemporaneidade, surge a necessidade de procurar estabelecer práticas pedagógicas que valorizem a leitura, a reflexão, o conhecimento e a interação social, para tanto, optou-se pela ludicidade<sup>3</sup> aliada à oralidade como ferramentas estimuladoras para o aprendizado da língua inglesa para crianças, a partir da contação de história, pois a literatura contemporânea tem valorizado muito o ato de narrar, quando contadas criam forma, força, vida e emoção, tornando-se um grande espetáculo. Conforme Sisto (2007, p. 39):

Mas a palavra parece mais que um espetáculo. A palavra na boca de quem conta é o próprio espetáculo, se com isso extrapolar-se a noção de cartilha. Se para isso o narrar, o comunicar, o dialogar, o atingir outrem, o suspender o tempo, o emocionar, estiverem conjugados de modo a transformar um texto em objeto duplamente estético. Estética na escrita, estético na passagem para a oralidade. Impacto estético antes, durante e depois.

---

<sup>3</sup> Ludicidade deriva-se da palavra lúdico, que tem sua origem na palavra do latim *ludus* quer dizer “jogo, brinquedo” (CUNHA, 1996, p.482).

Por meio da oralidade e da compreensão dos significados apresentados e contextualizados a partir do enredo e do protagonismo do educando, surge o momento de brincadeira e de aprendizagem, pois o ato de brincar é próprio das crianças e com a intervenção do adulto é possível promover, também, a experiência interior, pois aprendemos desde o nascimento até a morte. Conforme Luckesi<sup>4</sup> (s/d, p. 132):

Ensinar e aprender através do brincar entre as crianças, corresponde ao ensinar e aprender entre seres humanos de outras idades, tendo como meta ludicidade como experiência interna; no caso, importa estarmos cientes de que cada idade tem suas especificidades. O brincar é próprio da criança e lhe propicia estados lúdicos. Quando nos servimos da expressão “brincar” utilizada em relação a adultos, ela é metafórica, desde que brincar é um ato próprio da criança.

No processo da educação do indivíduo, quanto mais cedo se perceber capaz de protagonizar seu aprendizado, se tornando parte primordial do percurso educacional, mais aprenderá com este conhecimento; o bom educador é aquele que faz uma intermediação entre o aluno e o que se pretende explorar como conhecimento; é uma ponte para que o próprio aprendiz atravesse as fronteiras do saber e descubra por si.

Destarte, a ludicidade toma seu lugar e a interpretação ganha vida na imaginação de todos os presentes, ao associarmos com o ensino de Língua Estrangeira Moderna (LEM), além de ser importante para a inserção do aluno no mundo globalizado, possibilita o desenvolvimento crítico, auxiliando-o na sua formação enquanto cidadão, assim como consta nos PCN (1998):

A Língua Estrangeira no ensino fundamental tem um valioso papel construtivo como parte integrante da educação formal. Envolve um complexo processo de reflexão sobre a realidade social, política e econômica, com valor intrínseco importante no processo de capacitação que leva à libertação. Em outras palavras, a Língua

---

<sup>4</sup> LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ensinar, Brincar e Aprender**. Disponível em: <[http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/5484/pdf\\_36](http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/5484/pdf_36)> Acesso em: 26 dez.2017.

Estrangeira no ensino fundamental é parte da construção da cidadania.  
(p. 41)

Na abordagem de Edge (1989), é atribuição do educador estabelecer, ampliar e desenvolver o inglês de seus educandos, e não focar somente na correção de tudo que estiver fora da regra gramatical. Em algumas situações, reforça o autor, a não evidência do erro pode ser mais eficaz, no sentido de incentivar o aluno a buscar a evolução da oralidade, pois só se efetiva a comunicação, comunicando-se.

Sendo assim, é possível e necessário introduzir na metodologia do ensino de língua inglesa, momentos divertidos, dinâmicos, funcionais e de participação efetiva. A estratégia relaciona-se à oralidade com contação de histórias e à ludicidade, pois a educação está imbricada à vivacidade e às experiências do cotidiano. É neste contexto, que o educando se constrói e se manifesta como protagonista, tendo como base a interação social, condição primordial para a constituição humana.

A partir das narrativas, tornam-se estratégias eficientes para ensinar vários conteúdos de língua inglesa no âmbito escolar, bem como estimular o imaginário infantil e a criatividade. Torna-se momento prazeroso, no qual surge a relação de cumplicidade entre contador e ouvinte, sendo um momento de doação que envolve sentidos e sentimentos. Pietro (1999, p.41) explica que:

Quando um professor se senta no meio de um círculo de alunos e narra uma história, na verdade cumpre um desígnio ancestral. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do porta voz da ancestralidade e da sabedoria.

Neste sentido, Lauand (2012) elucida-nos afirmando que “todo professor sabe [...] vive isso ‘ensinar é um processo de voz média’: ações que não são propriamente ativas ou passivas, mas de interação social”.

Podemos dizer também, que deve ser o momento do encontro entre contador, ouvinte e enredo; porém, o encontro deve extrapolar sua aceção de “encontrar-se, de chegar uns diante dos outros”, pois o verdadeiro encontro, como afirma Quintás (1999) é “[...] um

enriquecimento mútuo... [...] um campo de liberdade comum... isso é o encontro [...] não é mera proximidade, mas sim o momento onde se vigoram as possibilidades de interpretações da vida”.

Por outro lado, o poder da narração no imaginário é imenso e lançar mão desta técnica favorece para que os pequenos se interessem por leitura. Desta forma, serão beneficiados pela ampliação de vocabulário, interação com a narrativa e envolvimento com sua cultura, pois tem como objetivo a educação integral da criança. Todo processo contribui para o desenvolvimento de sua personalidade enquanto indivíduo. Segundo Coelho (1991, p.5):

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo.

Paralelamente, SILVA afirma que o contador de histórias é:

Antes de tudo, um leitor privilegiado, que cumpre um papel ativo: faz leituras prévias, seleciona textos, informa-se sobre o autor, observa a ilustração do livro, memoriza o texto, interpreta suas intenções para transformá-las em modulações de voz e gestos. (SILVA, 2009, p.35).

Acreditamos que a narração de história de maneira lúdica nos remete ao espaço de encantamento e alegria, promovendo nas crianças a aquisição do vocabulário, da interpretação e da interação a partir dos enredos apresentados.

## **2 Breve histórico do Ensino da Língua Inglesa e a evolução dos métodos utilizados.**

Várias teorias sobre o aprendizado e o ensino de línguas já foram utilizadas, influenciadas por duas ciências: a linguística e a psicologia. As abordagens e os métodos direcionados ao ensino de línguas acontecem baseados nas tendências de cada época e podem ser resumidas a três movimentos importantes:

Primeiramente, *Grammar-Translation* que surge a partir do século XVIII até atualmente – na maioria das escolas de ensino médio, cuja metodologia está direcionada à tradução e à gramática é reforçada na ideia de que o aspecto fundamental da língua é a escrita, determinada por regras gramaticais. Entretanto, caiu em descrédito em função da ineficiência do método em desenvolver a habilidade oral.

Seguidamente, *Audiolingualism*, em oposição ao método tradicional de gramática e de tradução ocorreu por volta dos anos 50 do século passado, quando a abordagem de Skinner, no campo da psicologia, chamada ‘behaviorismo radical’, buscava entender o comportamento em função das inter-relações e também, o estruturalismo iniciado por Ferdinand de Saussure juntamente com Bloomfield na área da linguística. Assim, os linguistas passaram a valorizar a língua na sua forma oral.

Esta perspectiva levou ao surgimento dos métodos áudio-orais e audiovisuais, baseados em condicionamento pré-determinados e atrelados a planos didáticos na sequência de livros por números ou nomenclaturas como: Básico, Intermediário, Avançado e assim sucessivamente.

A partir de então, várias abordagens e metodologias foram aplicadas no ensino da língua inglesa, o foco principal sempre foi o desenvolvimento e assimilação do novo idioma, por parte do estudante.

Destacamos o método sócio interacionista, *Natural or Communicative Approaches* – o construtivismo no ensino de línguas, durante as décadas de 70 e 80, quando foram apresentadas novas teorias nas áreas da linguística e da psicologia educacional. Piaget (1976) e Vygotsky (2003), responsáveis pela psicologia cognitiva contemporânea, afirmaram que o conhecimento é construído quando favorecidos por uma interação social, em ambientes culturalmente estruturados e naturais. De acordo com Chomsky (2006), o aprendizado de uma nova língua vem da habilidade criativa e não memorizada; a partir desta afirmação, ele transforma a linguística nos anos 60.

As teorias de Piaget (1976), Chomsky (2006) e Vygotsky (2001) são apresentadas por Stephen Krashen no ano de 1985 ao ensino de idiomas, em que estabelece uma notória diferença entre aprendizado formal e assimilação natural de línguas estrangeiras, comparadas

com conteúdo adquirido e habilidades desenvolvidas, modificando os caminhos do ensino de línguas estrangeiras.

A teoria de Krashen é apresentada em seu livro *Principles and Practice in Second Language Acquisition* (1987), no qual descreve os conceitos de *language learning* e *language acquisition*. Em sua definição, ser proficiente em outro idioma não resulta do acúmulo de informações recebidas ou do entendimento a respeito de tópicos gramaticais.

Na década de 90, Steven Pinker enfatiza a teoria de Krashen, quando trata da aquisição natural de idiomas estrangeiros. Pinker afirma em seu livro *Language Instinct* (1994) que o aprendizado de uma língua é instintivo, uma aptidão natural do indivíduo, cuja evolução independe de raciocínio lógico.

Em vista disso, no caso da aquisição de idiomas estrangeiros, a legitimidade do local de aprendizado e o grau de empatia entre seus participantes são ingredientes primordiais para que o aluno se sinta incluído nesse universo, aspectos estes que raramente prevalecem em salas de aula tradicionais.

Tratando da ‘abordagem comunicativa’ no ensino de línguas estrangeiras, Oliveira afirma que:

A segunda implicação pedagógica de pensar o ensino de línguas estrangeiras com propósitos comunicativos é o entendimento de que a língua é interação social. Logo, o uso da língua envolve, pelo menos, duas pessoas, social e culturalmente situadas (OLIVEIRA, 2014, p.152).

Considerando-se a interação social, esta envolve a arte de brincar, que faz parte do ser humano e da vida. Podemos dizer que é uma maneira de aprender com espontaneidade e estimula hábitos intelectuais, físicos e sociais. Toda fantasia e encantamento existentes nos jogos e brinquedos acompanham o desenvolvimento da toda uma sociedade.

Ao observar uma criança brincando, podemos notar o potencial que ela adquire para resolver questões direcionadas e o jogo pode ser uma peça fundamental para preparar uma criança para toda uma vida. “As brincadeiras promovem ambiente imaginário e situação que promovem a capacidade de atribuir significados diferentes, que as incentiva a começar a tomar suas próprias decisões” (KISHIMOTO, 1994, p.109).

### **3 O lúdico e a narração no ensino da Língua Inglesa.**

A narração de história no ensino da língua inglesa não se limita a instrumentos para lazer e sim, um instrumento facilitador, vindo para somar e ajudar a minimizar bloqueios que os estudantes apresentam em alguns conceitos idiomáticos.

Estabelecer a comunicação é um dos temas centrais da disciplina de língua inglesa, algumas vezes sem receber a devida importância. Alguns educadores acreditam que os alunos não possuem potencial para tal e acabam deixando de lado ou, às vezes, até por se sentirem incapazes de introduzirem esse tipo de interpretação aos estudantes.

Para desenvolver esta atividade, buscou-se entender como melhor atingir a pluralidade intelectual existente em sala de aula e, segundo as teorias de múltiplas inteligências de Gardner (1993), a “Inteligência Interpessoal” é aquela que permite adquirir a consciência de coisas que os sentidos não conseguem captar e possibilita interpretar palavras, gestos e significados até então desconhecidos.

Outro ponto a destacar é que entre os educadores existe a consciência de que trabalhar propostas lúdicas no ambiente escolar não é fácil. Todos sabem que o barulho e a euforia em sala de aula são inevitáveis, pois no processo de construção, desenvolvimento e resultados das atividades há discussões até chegar à assimilação do conteúdo.

O professor tem uma função imprescindível, uma vez que orienta os envolvidos, cria situações e estimula a realização da tarefa, intermediará possíveis desentendimentos e contratempos, que, às vezes, aparecem no meio do percurso. Se o educador não se envolve na execução da atividade perde-se o objetivo, pois é ele quem propõe o desafio durante a narração da história.

De acordo com Ferreira, (2007, p.9) um dos motivos para trabalhar o lúdico nas aulas de língua inglesa quando utilizamos histórias ilustradas e cantadas é a possibilidade de trazer um “grande incentivo e encantamento para torná-las mais atraentes e fáceis de serem assimiladas”.

O objetivo principal é causar a descontração, a alegria, o recreativo; favorecendo o aprendizado de forma leve e agradável. Neste universo, os jogos podem incorporar a oralidade, a narração pode ser um brinquedo de palavra, com o próprio corpo, com a própria voz.

Sabemos que o jogo faz parte da cultura e que sua existência data muito antes da cultura, propriamente dita. Salientamos, ainda, que o homem se utilizou da linguagem para



poder se comunicar; ao examinarmos o emprego da linguagem como característica de jogo, chegaremos ao que Huizinga nos posiciona:

[...] no caso da linguagem, esse primeiro [...] instrumento que o homem forjou a fim de poder comunicar, ensinar e [...] que lhe permite distinguir as coisas. [...] Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza (HUIZINGA,1999, p.7).

O ato de divertir-se possui algumas características que fazem parte do indivíduo, entre elas a liberdade de ação e a criatividade daquele que está no momento de recreação, os limites de tempo e espaço, as regras que podem ser seguidas ou criadas pelos próprios participantes, construindo sua própria aprendizagem.

Vygotsky (2001) afirmava que por meio das brincadeiras a criança aprende a agir num contexto cognitivista, livre para escolher suas próprias atitudes e evidencia a produção cultural das mesmas nas relações que estabelecem com o jogo, a diversão, até mesmo a descontração, caracterizando o seu protagonismo e desenvolvendo a auto expressão do indivíduo.

Na contemporaneidade, dos estudos e das avaliações de métodos surgem teorias de que não existem metodologias perfeitas ou únicos, trazendo assim, um novo termo no trato da didática pedagógica, conforme explica Kumaravadivelu (2006), que a abordagem “pós-método” leva em consideração as particularidades de cada conteúdo a ser trabalhado na língua-alvo, incluindo as especificidades dos alunos. Ainda referente a estes estudos, encontram-se explicações sobre os parâmetros para este tipo de educação, citamos aqui apenas um – o parâmetro da possibilidade – que se vale dos princípios ideológicos da pedagogia crítica de Paulo Freire (1970), na qual considera as experiências dos estudantes e o contexto social em que são inseridos.

#### **4 A Narração de história na história e a formação do leitor.**

Convém dizer que a tradição oral chega para a humanidade como veículo de conhecimento, muito antes da escrita. A raça humana usa como recurso as histórias para desenvolver as relações humanas, fixar conhecimento; até mesmo reavaliar suas políticas, reformular seus tratos de educação e a criação artística.

Na passagem do século XVII para o XVIII, o conceito sobre a função da criança na sociedade, assim como uma forma adequada de instrução para esta faixa etária, não existia e apenas foi pensado mais tarde.

Somente com a ascensão da classe média e a reorganização familiar, que a criança passou a ser considerada como sujeito distinto do adulto, dotado de habilidades específicas. Durante o século XVIII, surgiu a necessidade de um novo pensar sobre a importância da literatura infantil no ambiente escolar e a postura intelectual da criança perante a sociedade e, para tanto, “estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la” (COELHO, 2001, p. 31).

O poder da narração no imaginário infantil é imenso e lançar mão desta técnica favorece interesse pela leitura, desta forma, serão beneficiados pela ampliação de vocabulário, interação com a narrativa, envolvimento com sua cultura e ressignificação de situações do cotidiano.

Além disso, a contação poderá conduzir ao encantamento, que, conforme Pinto (2016, p.78):

[...] se efetivará com mais eficácia se ocorrer a sensibilidade e a cumplicidade entre professores e alunos, o que poderá conduzir a um princípio mais sólido e propiciar um ambiente acolhedor e sadio, onde o ouvinte terá a oportunidade de vivenciar narrativas que trazem os mais variados enredos, com personagens que se apresentam nas mais inimagináveis formas.

Corroborando Tahan (1964, p.8):

Contando histórias, narrando lendas, sugerindo a leitura de contos e tradições, está o professor proporcionando à criança uma atividade sadia, uma oportunidade para desenvolver a imaginação, enriquecer o vocabulário, completar as experiências e atender às curiosidades da vida em suas estreias pelo mundo do encantamento.

Todo processo contribui para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança, possibilitando-lhe inúmeras experiências que auxiliarão para sua formação individual, podendo desenvolver sentimento de respeito e confiança no trato com o coletivo.

Há várias possibilidades de levar as crianças para este tipo de atividade: sala de aula, parque, sala de leitura, “cantinho do livro”; cada escola determina onde será executada a tarefa. Desde que seja descontraído, calmo, leve, livre de qualquer interferência – a não ser as causadas por eles próprios. Esta ideia é defendida por Pennac, pois “é a contação que possibilita a formação do leitor” (PENNAC, 1993, p. 124).

As histórias divertem, educam, socializam e desenvolvem várias características que favorecem o aperfeiçoamento da inteligência e demonstração de sensibilidade. Por este motivo é primordial que haja este incentivo de interação com a literatura, sempre de maneira agradável. Certamente este é o caminho para se formar leitores críticos e analíticos, atuantes na sociedade em que vivem, uma vez que o outro se constrói a partir do compartilhar de experiências.

Ao mesmo tempo Borges adverte que:

Tendo objetivos diferentes, a leitura deve ser trabalhada de acordo com o gênero textual, e são diversas as maneiras de ler, assim como diversos são os textos e os objetivos de leitura. No que diz respeito ao gênero literário, a escola assume o importante papel não só de apresentar aos alunos um mundo lúdico, prazeroso, divertido e emocionante, como principalmente o de promover ações pedagógicas estruturadas e planejadas, que os levem a compreender e apreciar o universo da leitura e da literatura. (BORGES et al, 2010, p.77).

Entende-se então que contar histórias é revelar mistérios, bem como fascinar o espectador e convidá-lo a se envolver pelo que está sendo contado, pela leitura, por este novo mundo de infinitas possibilidades. A narração de história é manancial abundante de aprendizado e sentimento, em que o lúdico e o prazer são alicerces que fundam e direcionam a inspiração à leitura e ao desenvolvimento de novos leitores.

A LDB defende a ideia de em alguns casos, a possibilidade de mudanças. O papel do educador é estar atento ao que o currículo oferece e tem a missão de evoluí-lo, acrescentar artifícios, estratégias e recursos para facilitar e aprimorar a aprendizagem do seu aluno. É aí que a narração de história de forma lúdica se adequa.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais os jogos são relevantes, pois:

Finalmente, um aspecto relevante nos jogos é o desafio genuíno que eles provocam no aluno, que gera interesse e prazer. Por isso, é importante que os jogos façam parte da cultura escolar, cabendo ao educador analisar e avaliar a potencialidade educativa dos diferentes jogos e o aspecto curricular que se deseja desenvolver" (PCN, 199, p. 48-49).

Os jogos não são as únicas fontes de trabalhar um conteúdo de língua inglesa ou evolui-lo, mas é uma prática metodológica a ser utilizada em sala de aula, bem como, as atividades lúdicas não serão utilizadas em todas as aulas do conteúdo programático, sendo, somente, uma possibilidade de estratégia.

Na condição de educadores, há que se ter uma percepção de quando, como e qual brincadeira utilizar, em que momento a recreação é viável. Não é em qualquer momento, em qualquer fim de aula para preencher o tempo. O entretenimento deve trazer algum objetivo e uma conclusão.

É importante ressaltar que não será um jogo ou até uma tarde na sala de leitura, que o aluno conseguirá obter clareza e destreza do conteúdo trabalhado, o educador tem que ter consciência de que é um processo, e para que seja de resultado positivo, eles devem fazer parte do processo, considerando-se, também, as expectativas de aprendizagem.

O professor, por intermédio de sua formação, tem acesso a diversas maneiras de integrar a literatura em sua aula. Vários teóricos falam da relevância dos textos literários na escolarização. Além de ter seu cunho literário conservado, mantém o objetivo de trazer à tona

a fantasia e as emoções, bem como as infinitas possibilidades de superar o entendimento da palavra.

Miguez afirma “que geralmente a Escola se torna o único recurso concreto que proporciona o acesso da criança ao livro e, desta forma, faz-se necessário estabelecer um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer” (2000, p. 28).

Partindo do argumento de que a contação de histórias atua como elemento importante na prática pedagógica e acentua a habilidade de difundir encanto, empatia e alegria, acredita-se ainda que seu caráter artístico favoreça a conexão no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, a narração tem a capacidade de proporcionar a práxis sem esquecer seu valor estético e artístico.

## **5 Conclusão**

Após o estudo realizado, entendemos que se tratando dos processos de ensinar e aprender não há regras prontas, nem orientações definitivas.

Na disciplina de língua inglesa, ou em qualquer outra, é necessário que os docentes, os principais responsáveis por esse processo, tenham consciência dessa importância, considerando que cada discente também é responsável pela construção do seu próprio conhecimento, mas que necessita fielmente do apoio e do incentivo do educador.

Paralelamente, o lúdico é uma alternativa importante para favorecer a aprendizagem dos estudantes, pois estimula o desenvolvimento de um ser integral (cognitivo, afetivo e social), quando a prática colaborativa se instaura entre educandos e educador surge a possibilidade de aprendizado capaz de promover ensino de melhor qualidade com projeção no futuro e nos percursos que serão trilhados, no qual cada sujeito seguirá suas escolhas para a vida que é a própria realidade. Lauand nos adverte que:

Certamente o professor deve cultivar a técnica da didática; mas sempre o que é essencial, o que indica a qualidade de mestre “não é algo que vem de forma, mas sim algo que está impresso no mais íntimo do seu ser” e uma metodologia só é verdadeiramente válida quando se liga vitalmente à atitude de voltar-se para a realidade (LAUAND, 1987, p.125).

Deve-se ter a consciência de que somente o lúdico não é suficiente para que o educando atinja patamares que contemplem todas as expectativas de aprendizagens apresentadas pelos docentes.

Além disso, cabe uma reflexão sobre o entendimento de que ao treinar a escuta é possível desenvolver um processo de educação direcionado pela escuta do outro. A partir desta técnica, podem-se trabalhar questões de pluralidade e diversidade na sala de aula.

Há que se ponderar pela forma como as pessoas reúnem equipamentos, com os quais possam dialogar; não só com o que estão aprendendo na sala de forma tradicional, mas com aquela aprendizagem para a própria vida, como o questionamento: - O que vou levar com esta experiência para minha vida pessoal, meu desenvolvimento afetivo, minhas relações de trabalho, fora da sala de aula?

Levando-se em consideração de que este é um ambiente controlado, hermético e teoricamente estável os aspectos afetivos da prática da narração vão além, pois o indivíduo que brinca e se diverte é, aquele que age, sente, pensa, aprende e se desenvolve.

Sendo assim, a convicção de que a interação pessoal é importante, entretanto, mais importante ainda é o educador viabilizar oportunidades para que tais momentos ocorram em suas aulas.

Além disso, é notável que as crianças se tornem hábeis na técnica de interpretar, de conseguir enfrentar desafios, para que sejam cidadãos autônomos na tomada de decisões, criando e ensinando pessoas mais confiantes e felizes.

Sabe-se que o futuro é imprevisível e que novas técnicas, bem como estratégias virão para melhorar o desempenho dos trabalhos, por isso é conveniente que os educadores estejam sempre abertos às novas colocações e vivências, que venham facilitar e ajudar no processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Ana Gabriela Simões (org.). **Leitura: o mundo além das palavras**. Curitiba: Instituto RPC, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua inglesa** - Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHOMSKY, Noam. **Sobre a Natureza da Linguagem**. Trad. Marylene Pinto Michael. Martins Fontes: São Paulo, 2006.

COELHO, Beth. **Contar histórias: uma arte sem idade**. SP: Ática, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indoeuropeias ao Brasil contemporâneo**. 4.ed. SP: Ática, 1991.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

EDGE, J. Mistakes and Correction. London: Longman, 1989. 70p., fonte:

**As Concepções de Erros no Ensino de Línguas** – Prof<sup>ª</sup> Sônia Maria Simões, UNESP – Franca S.P.:1976, PUC - MINAS: disponível em:<<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec03/article/view/292/368>> Acesso em: 26 mar.2017

FERREIRA, Aurora. **Contar histórias com arte e ensinar brincando: para a educação infantil e series iniciais do ensino fundamental**. Rio: WAK, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio: Paz e Terra, 1970 (Coleção Leitura)

GARDNER. Howard. *Psicologia y Mente* traduzido e adaptado por PsiconlineWS  
**Teoria das inteligências múltiplas de Gardner** – Disponível em:  
<<http://www.psiconlineWS.com/2015/05/teoria-das-inteligencias-multiplas-de-gardner.html>>  
Acesso em: 02 fev.2017

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1999, p.7

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. Perspectiva, Florianópolis: v. 12, n. 22, p. 105-128, jan. 1994. ISSN 2175-795X. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10745/10260>>. Acesso em: 10 dez.2017. Doi:<<https://doi.org/10.5007/%x>>.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. USA: Prentice Hall International, 1987

KUMARAVADIVELU, B. **Understanding language teaching: from method to postmethod**. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

LAUAND, Luiz Jean. **Educação, contar histórias e artes orientais**. Collatio 11, abr-jan 2012. CEMOrOc-Feusp / IJI – Universidade do Porto. Disponível em:<<http://www.hottopos.com/collat11/101-116MesaRedonda.pdf>> Acesso em: 04 mar.2018.

LAUAND, Luiz Jean. **O que é uma Universidade?** São Paulo: Perspectiva, 1987.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. SP: Cortez, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ensinar, Brincar e Aprender**. Disponível em: <[http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/5484/pdf\\_36](http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/5484/pdf_36)> Acesso em: 26 dez.2017.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil**. 14.ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.



MOREIRA, M.R.S. **O universo emocional da criança e os textos usados para alfabetizar – uma proposta de alteração.** In SCOZ, F.J.L.; RUBINSTEIN, E.; ROSSA, E.M.M.; BARONE, L.M.C. *Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional.* Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1987, p.217-223

OLIVEIRA, Luciano Amaral, 1964- **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias.** São Paulo: Parábola, 2014.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Piaget, J. **A equilibração das estruturas cognitivas.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1976.

PIAGET, Jean. **Six Étuds de Psychologie.** (Seis Estudos em Psicologia). Tradução de D'AMORIME Maria Alice Magalhães; SILVA, Paulo Sérgio Lima. Rio de Janeiro: Forense Universitária. LTDA, 1973. Rev. Fac. Educ. vol.24 n.2 São Paulo: July/Dec.1998. Disponível em: <http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/01/SEIS-ESTUDOS-DE-PSICOLOGIA-JEAN-PIAGET.pdf>> Acesso em: 02 fev.2017.

PIETRO, H. **Quer ouvir uma história: Lendas e mitos no mundo da criança.** São Paulo: Angra, 1999. Col. Jovem Século XXI.

PINTO, Joice Aparecida de Souza. **Narrativas e “Pedagogia da Admiração”: Desafios com novas tecnologias.** UESP, São Paulo: 2016. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1611/2/JoiceAp.S.Pinto.pdf>> Acesso em: 18 mar.2018.

QUINTÁS, A. K. **A Formação Adequada à Configuração de um Novo Humanismo.** (Conferência do Dr. Alfonso Lopes Quintás na FEUSP, em 26-11-99. Tradução de Ana Lúcia Carvalhi Fujikua. Edição Jean Lauand. In. **Filosofia e Educação – textos e notas.** São Paulo/Porto: Notandum Libro, n.16, p.1-66, 2012.

SCHÜTZ, R. **S&k - uma abordagem natural ao ensino de línguas: inglês sob a inspiração de Piaget, Vygotsky, Chomsky e Krashen.** English Made in Brazil. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-apre3.html>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

SILVA, M.B.C. **Contar histórias uma arte sem idade.** 7.ed. SP: Ática, 2009

TAHAN, Malba. **A Arte de Ler e Contar Histórias.** Rio de Janeiro: Conquista, 1964.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.